

14º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2023

ESPAÇOS, MODELOS E DISCURSOS SOBRE O PAPEL SOCIAL DA MULHER EM SOROCABA (1903-1914)

CATARINA PIOVESAN GARCIA PAIVA¹; LETÍCIA JORDÃO NUNES²;
TIAGO HIDEO BARBOSA WATANABE³

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.05.05.03-9 – História do Brasil República

RESUMO: A pesquisa mapeia os possíveis locais produtores, difusores e receptores dos debates a respeito das representações sociais sobre as mulheres em Sorocaba nos primeiros anos do século XX. Analisamos dois corpos de fontes: **Os Almanques** publicados entre os anos de 1903 a 1914 e os textos produzidos por mulheres no jornal sorocabano anarquista **O Operário**, publicado entre os anos de 1909 a 1914. Compreendemos que esses dois corpos de fontes ofereceram um retrato conflituoso a respeito de visões opostas sobre os papéis sociais que repousavam sobre mulheres que refletem direta e indiretamente o conjunto de transformações que a cidade passava. Orientava-se o papel delas na esfera privada e pública, de acordo com o posicionamento da Igreja Católica da época e as expectativas da elite republicana local, ou seja, uma mãe instruída suficientemente para educar seus filhos à luz das novas descobertas científicas, instrutora religiosa e moral dos filhos e recatada na esfera pública. Ao mesmo tempo, mulheres anarquistas questionavam todos esses pressupostos e propunham novos papéis sociais a elas. Nesses espaços difusos de encontro de velho e novo, tradicional e modernidade, rural e urbano, circulavam em ritmo próprio, por meio da exibição pública, novas e velhas referências do feminino.

PALAVRAS-CHAVE: História das mulheres; Representações sociais femininas; História de Sorocaba

SPACES, MODELS, AND DISCOURSES ON THE SOCIAL ROLE OF WOMEN IN SOROCABA (1903-1914)

ABSTRACT: This research maps the potential producing, disseminating, and receiving locations of debates regarding social representations of women in Sorocaba in the early years of the 20th century. We analyzed two bodies of sources: 1. *The Almanacs* published between 1903 and 1914, and the texts produced by women in the anarchist newspaper *O Operário* in Sorocaba, published between 1909 and 1914. We understand that these two bodies of sources offered a conflicting portrayal regarding opposing views on the social roles that rested upon women, directly and indirectly reflecting the set of transformations the city was undergoing. Their roles in both the private and public spheres were guided by the stance of the Catholic Church of the time and the expectations of the local republican elite. This meant being an adequately educated mother capable of enlightening her children with new scientific discoveries, a religious and moral instructor for her children, and modest within the public sphere. Simultaneously, anarchist women questioned all of these assumptions and proposed new social roles for themselves. In these diffuse spaces where the old and the new, the traditional and modernity, the rural

¹ Estudante do terceiro ano do Ensino Médio Integrado em Administração de Empresas do Instituto Federal de São Paulo, Bolsista de Iniciação Científica CNPq, Câmpus Sorocaba, catarina.piovesan@ifsp.edu.br

² Estudante do terceiro ano do Ensino Médio Integrado em Administração de Empresas do Instituto Federal de São Paulo, Bolsista de Iniciação Científica CNPq, Câmpus Sorocaba, leticia.jordao@ifsp.edu.br

³ Graduado em História pela Unicamp e Doutor em História pela Unesp/ Assis. Professor do Instituto Federal de São Paulo– Câmpus Sorocaba, tiago.hideo@ifsp.edu.br

and urban intersected, new and old references of the feminine circulated at their own pace through public display.

KEYWORDS: Women's history; Female social representations; History of Sorocaba

INTRODUÇÃO

O estudo investiga as transformações sociais em Sorocaba no final do século XIX e início do século XX, focando no papel social das mulheres. Durante esse período, a industrialização, urbanização, imigração e surgimento de novas religiões geraram mudanças significativas no papel atribuído a elas. Instituições educativas e a imprensa buscaram impor papéis às mulheres, incluindo a elite, promovendo-as como mães instruídas e recatadas na esfera pública. Porém, essa imagem ideal contrastava com a realidade da maioria das mulheres, principalmente operárias. Espaços de sociabilidade, como ruas e igrejas, refletiam essa diversidade de papéis. A pesquisa mapeia esses espaços e locais produtores dessas representações para entender como diferentes grupos definiam e contestavam o papel social feminino. Dessa forma, contribuimos para um entendimento mais abrangente da história sorocabana, resgatando vozes femininas subalternizadas e analisando a influência de ideologias anarquistas na redefinição dos papéis de gênero.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram analisados o jornal **O Operário** (1909-1914) e o **Almanach de Sorocaba** (1903,1904 e 1914)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O corpo de fontes analisado foi o jornal de orientação anarquista **O Operário** entre os anos de 1909 a 1914, publicado na cidade de Sorocaba. Ele tinha publicações semanais, em sua predominância escrita por articulistas masculinos, tendo como objetivo, assim como a maioria dos jornais operários presentes no país nesse período, trazer a luz a voz operária crescente na cidade, chamando a atenção para as injustiças no ambiente de trabalho, a fim de informar os trabalhadores - também leitores - para que reivindicassem seus direitos. O acesso do material se deve ao acervo do Centro de Memória Operária de Sorocaba, disponível no site oficial da organização (<https://www.memoriaoperariasorocaba.com.br>), elaborado por Flavia Aguilera, Alexandre Vieira, Keyla Rosado, Carlos Cavalheiro, Naara Gonçalves, Maiara de Proença, Silvio Piovani, Igor Tanaka e Paulo Celso da Silva. Trata-se de um primeiro veículo construído pelas classes trabalhadoras sorocabanas.

De inspiração anarquista, esse jornal foi o primeiro a questionar os papéis sociais das mulheres ao dar visibilidade a articulistas mulheres e veicular posicionamentos progressistas relativos ao feminino na cidade. Autoras não sorocabanas como Ernestina Lesina, Nelly Roussel, Joana Dubois e a sorocabana Elvira, dentre outras, propuseram a participação das mulheres na esfera pública, criticaram o controle sob o corpo da mulher estabelecidos pelos homens, criticaram a igreja, as instituições jurídicas e os costumes da época que as privavam do direito ao prazer sexual, da liberdade de escolha sobre seu corpo e a participação política. Elas questionaram as desigualdades sociais, propuseram a derrubada do sistema capitalista, incentivaram a educação para formação política revolucionária, um novo papel para a maternidade operária e faziam a defesa de formar seus filhos para serem ativos politicamente em favor das classes operárias e igualdade de gênero. Além disso, denunciaram agressões morais e sexuais no ambiente das fábricas, a solidariedade masculina opressora frente às mulheres operárias. Embora os artigos progressistas fossem maioria, observamos uma linha editorial de ideias conservadoras a respeito do papel social das mulheres, dando também visibilidade a textos de cunho religioso exaltando representações criticadas pelas autoras do jornal.

O jornal **O Operário** desempenhou um papel crucial como um dos principais canais de denúncia das condições de trabalho e da violência nas fábricas durante o período supracitado. Por meio de notas, o jornal expôs a exploração desenfreada nas indústrias, destacando acidentes de trabalho frequentes, longas jornadas de trabalho e salários injustos, como exemplo, na edição, pelo qual a União Operária questiona a moral dos trabalhadores da Fábrica Fonseca sobre se calar diante do assédio por parte do diretor da fábrica em relação à funcionária denominada Luiza Alves (A Moral na Fábrica Fonseca, **O Operário**, nº144, de 11 de agosto de 1912, p.843). Além disso, **O Operário** desafiou a moral social convencional ao abordar temas anarquistas em suas páginas, questionando o sistema capitalista, o clero, as desigualdades econômicas e o papel social das mulheres. Pode-se citar o texto de Elvira, em (O Divórcio, **O Operário**, nº 154 de 27 de outubro de 1912, p.512-513) -, que denuncia as relações capitalistas e clericais, na qual pais vendem as filhas pelo sucesso familiar - ou alianças empresariais - e a igreja se torna conivente com tal, o que acaba levando ao apagamento do amor livre - filosofia adotada pelo anarquismo, advogando pelo reconhecimento e respeito à autonomia individual nas relações afetivas, sem as restrições tradicionais impostas por normas sociais ou instituições.

Enquanto escritoras elas propuseram um novo papel para as mulheres de estímulo intelectual das operárias, provocando a participação das mesmas na esfera pública como articulistas da mídia, participantes de discussões de debate político, liderando e participando de greves, reivindicações por melhorias salariais e condições de trabalho, criticando as instituições, colocando-se em contraponto aos ideais majoritários que circulavam na cidade no período, no caso, a não participação das mulheres na política, associação de feminilidade a esfera privada, política e acesso a educação exclusivamente para debate da elite masculina. As autoras em geral, num contexto de grandes mudanças no Brasil e no mundo no final do século XIX e início do século XX, compreendiam um cenário de futuro novo para as mulheres e para as classes operárias e otimista em relação ao futuro que, segundo elas, caminhava para uma era de justiça social graças a possibilidade de uma sociedade anarquista.

A análise dos textos publicados no jornal **O Operário** permitem observar o quão progressista e destoante do resto da sociedade sorocabana eram essas ideias quanto aos papéis sociais das mulheres. Invisibilizadas enquanto participantes da política local, apagadas enquanto detentoras do direito do seu próprio corpo, aprisionadas ao modelo da Virgem Maria, criadas para serem inicialmente castas, posteriormente esposas, mães dedicadas cuidando da alimentação, da vestimenta, da religiosidade do marido e dos filhos e mártires da própria existência em favor dos demais.

Paralelamente, o **Almanaque de Sorocaba** emerge como outra rica fonte de análise neste projeto. Compreendendo uma compilação de fatos históricos, curiosidades e anúncios, o almanaque apresenta-se como um espelho da elite local da época. Produzidos em 1903, 1904 e 1914 - disponíveis na Biblioteca Municipal de Sorocaba 'Jorge Guilherme Senger' -, encapsulam na primeira parte, uma era em que previsões astrológicas dominavam as primeiras páginas, oferecendo vislumbres do futuro por meio dos corpos celestes. Nesse cenário, a presença feminina surge de maneira subjetiva, ocasionalmente aparecendo nas previsões, um ser místico e dado a mistérios sobrenaturais, próxima ao ocultismo, superstição e ignorância. Enquanto as articulistas do jornal **O Operário** apresentam ideias questionadoras, observamos a manutenção e difusão em outras mídias da cidade do ideal tão combatido pelas anarquistas. Repousam nos Almanques sorocabanos a depreciação e expectativas do corpo da mulher, a tragédia que poderia representar para elas a ausência de casamento, as piadas a respeito da superficialidade das mulheres demasiado apegadas a bens materiais e pouco inteligentes, a consolidação do papel masculino de provedor, ser livre e tolhido de felicidade frente a uma esposa castradora. A exaltação da masculinidade associada ao poder econômico, político, social, religioso, cultural por meio da exaltação de políticos, industriais, padres, comerciantes e proprietários locais também coloca indiretamente aos leitores que a vida pública pertencia aos homens e a privada às mulheres. Considerando a perspectiva da burguesia, esse veículo de informação transparece uma perspectiva de satisfação diante dos papéis sociais bastante desiguais.

Um dos maiores questionamentos a respeito dessas opostas visões a respeito do papel social da mulher está relacionada a como circulavam na cidade essas representações a partir das categorias de classe, raça e gênero. De forma parcial, conseguimos mapear a produção, manutenção e questionamento dos papéis sociais das mulheres a partir de jornais cujo suporte estava restrito a leitores de algum grau de instrução, letrados e intelectualmente habilitados a debates dessa natureza. Estamos falando essencialmente de um debate que circulou nos operários e operárias estrangeiras letrados, da elite da cidade e de pessoas que indiretamente estavam ligadas a esses grupos por meio da leitura coletiva de

reportagens para iletrados. Falamos essencialmente de um debate realizado por e para pessoas brancas que pensam tanto no papel da virgindade ou de anarquistas sem pensar as especificidades que repousavam sobre uma considerável parcela da população constituída de pequenos agricultores, ex-escravizadas, pardas, negras, donas de casa, trabalhadores e trabalhadoras domésticas, trabalhadores pobres sem vínculo com as fábricas. Vale lembrar que duas autoras citadas no **Operário** como Nelly Roussel e Joana Dubois, produziam para o público europeu sendo as mesmas europeias e ignoravam (ou não conseguiam considerar) as múltiplas realidades de territórios colonizados. Coube a operária sorocabana Elvira uma aproximação maior dos escritos europeus com a realidade nacional

O silêncio e o apagamento dos registros e documentos dessa recepção das camadas populares constituídas de negras e mestiças pobres indica que essas representações femininas tanto conservadoras quanto progressistas, dentro de uma sociedade racista como a brasileira e, no caso, dentro de Sorocaba, que a essas mulheres estava repousando um ideal de discriminação representado na expropriação completa do corpo, vontade, trabalho e liberdade. As representações conservadoras na cidade representavam a feminilidade na condição social de branquitude que não possuem e nem podem possuir: esposa sustentada por um homem, mãe integral que não precisa trabalhar fora e ainda conta com a ajuda de uma empregada nessa tarefa. As representações progressistas talvez tivessem uma abrangência maior e pudessem incluir um grupo racial maior, contudo, dado o suporte de produção e difusão desses questionamentos, pensava-se numa operária branca emancipada. Parafraseando a intelectual Lélia González, uma imensa camada de mulheres sorocabanas não era considerada mulher. Se as condições de opressão repousavam sobre as mulheres brancas ricas e pobres, em distintos graus de privilégio, as mulheres não brancas teriam um nível de brutalidade de exploração e expropriação não evidentes nesses debates. A condição da mulher negra e sorocabana era de estar nesses espaços, conviver com esses ideais conservadores e talvez o acesso a ideias revolucionárias, seja na casa da patroa burguesa, escutando nos burburinhos das praças, ruas, festas e portas das fábricas mas não ter espaço em nenhum deles.

Apesar das restrições e limites dos questionamentos trazidos pelas autoras do jornal **O Operário**, é inegável seu caráter progressista, inovador, questionador quanto às estruturas de poder da sociedade brasileira e, em especial, capacidade das articulistas conseguirem direta e indiretamente mapear parte das estruturas de poder econômico e político de Sorocaba. A crítica aos operários das fábricas e das condições de trabalho ao qual eram submetidas, a desigualdade social advinda dessa exploração, a detecção do poder político alinhado aos interesses desses industriais sorocabanos ao ponto de greves serem repelidas pelo poder policial, a força da Igreja Católica na cidade e o seu fundamental papel para manutenção do status quo por meio de uma religiosidade conformista em relação às mulheres e uma cultura popular circulante nas fábricas de cunho masculino e opressor revelam a dimensão de luta, resistência e enfrentamento que muitas operárias se colocaram naquele momento histórico. Longe de serem passivas, alienadas da sua condição operária, existiu em Sorocaba uma face silenciada pelas redes de produção de conhecimento local das mulheres sorocabanas que conseguimos trazer. O conservadorismo sorocabano que se mantém mais de cem anos depois foi moldado em meio a lutas constantes dessas mulheres e as críticas feitas por elas na virada do século passado ainda permanecem bastante atuais.

CONCLUSÕES

A pesquisa ao analisar essas fontes mostrou como o jornal **O Operário** questionou os papéis sociais das mulheres, destacando articulistas femininas e posturas progressistas sobre o feminino em Sorocaba. Autoras não sorocabanas como Ernestina Lesina, Nelly Roussel, Joana Dubois, e a sorocabana Elvira propuseram a participação das mulheres na esfera pública, criticaram o controle masculino sobre seus corpos e denunciaram as desigualdades sociais da época. Paralelamente, **Almanaques de Sorocaba** revelam perspectiva conservadora sobre o papel feminino, consolidando visões tradicionais. O estudo revela a divergência entre representações femininas progressistas e conservadoras, considerando limitações de classe, raça e gênero. Mulheres não brancas e pobres sofriam opressão ainda mais intensa e silenciada. As autoras do jornal **O Operário** desafiaram as estruturas de poder locais, criticando industriais, Igreja e sistema capitalista. Suas críticas continuam relevantes,

revelando a luta e resistência das mulheres em meio a um contexto conservador que, guardadas as devidas proporções, persiste até hoje.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Todos os autores contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o financiamento do CNPq que por meio da bolsa de iniciação científica voltada aos estudantes do ensino médio possibilitou a realização dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aluísio. **História de Sorocaba**. Sorocaba: Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, 1969.

ALMEIDA, Jane Soares de; GOMES, Calil de Siqueira. **A educação feminina à luz da missão educativa da Igreja Católica**: as Irmãs Beneditinas de Tutzing em Sorocaba. *Revista Interfaces da Educação*, v.5, n.13 (2014), p.157-178.

CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro. Discursos do progresso e persistência da tradição: a remodelação urbana de Sorocaba (1914-1921/1938-1943). **Politeia-História e Sociedade**, v. 6, n. 1, 2006.

_____. **Fisionomia da cidade: Sorocaba-cotidiano e desenvolvimento urbano-1890-1943**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla Beozzo (Ed.). **História das mulheres no Brasil**. Unesp, 2004.

MARTINS, Marcos Francisco (Org.). **Lutas sociais em Sorocaba/SP ontem e hoje**: Greve geral de 1917, embate ainfascista de 1937 e mobilizações atuais. São Paulo: Editora Hipótese, 2018.

PEREIRA, Keyla Priscilla Rosado. **Condição da mulher e educação feminina no Jornal O Operário (1909-1913)**: aproximações e distanciamentos entre positivismo e anarquismo. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Editora Paz e Terra, 2017.

Fontes primárias:

Almanach de Sorocaba para 1903. Ed. Fac- similar. Taquarituba, SP: Nassib Stefano, 2007

Almanaque Ilustrado de Sorocaba- Repositório histórico, literário e recreativo com ilustrações. 1914. Organizado por Bráulio Werneck, Anno I, Ed. Fac-similar. Taquarituba, SP: Juracy Tenor, 2006;

O Operário (1909-1913). Disponível em: < <https://www.memoriaoperariasorocaba.com.br/>>. Acesso em: 25 mai 2021.